ISSN: 2358-8829

FORMAÇÃO LEITORA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM SANTO ESTÊVÃO (BA)

Isabela Queiroz de Sá Santiago[1]

1. INTRODUÇÃO

A escola é um espaço de circulação de conhecimentos, construção de repertórios culturais e disputa de sentidos sobre a sociedade. As escolhas curriculares, os textos que recebem atenção e as experiências que são reconhecidas como parte da história coletiva influenciam as possibilidades de identificação e participação dos estudantes. Quando determinadas vozes são sistematicamente marginalizadas, o currículo pode reproduzir hierarquias sociais; quando diferentes autorias e experiências passam a integrar o trabalho pedagógico, abre-se espaço para questionar essas hierarquias.

No Brasil, a Lei nº 10.639/2003 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. A Lei nº 11.645/2008 ampliou esse marco ao incluir a história e a cultura dos povos indígenas. As duas normas situam a educação escolar diante da responsabilidade de tratar essas histórias e culturas como parte constitutiva da formação social brasileira, e não como conteúdos periféricos ou restritos a datas comemorativas (Brasil, 2003, 2008).

A efetivação dessas diretrizes, contudo, não decorre automaticamente da existência da legislação. Ela depende de escolhas pedagógicas, de materiais, de formação e de condições para que o debate sobre relações étnico-raciais esteja presente no cotidiano escolar. Souza e Pereira (2013) discutem desafios da implementação da Lei nº 10.639/2003 em escolas públicas do Nordeste, contribuindo para compreender a distância que pode existir entre a norma e sua concretização nas práticas educacionais.

Este artigo apresenta uma experiência desenvolvida em turmas do segundo ano parcial do Ensino Médio, em um Colégio Estadual da Rede Pública de Santo Estêvão,

[1] Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
belaqueiroz990@gmail.com

ISSN: 2358-8829

Bahia. As atividades ocorreram nos primeiros e segundos semestres de 2025 e 2026, durante as aulas de Linguagem e Cultura, com participação de quatro turmas em 2025 e três em 2026. O trabalho envolveu leitura de obras de autoria negra, pesquisa biográfica, seminários, círculos de leitura, debates, cartazes temáticos e maquetes.

O objetivo é descrever e analisar essas práticas como possibilidades de articulação entre formação leitora e educação antirracista. A análise considera as estratégias pedagógicas e os registros disponíveis, sem pressupor que a realização das atividades, por si só, comprove mudanças duradouras na aprendizagem, na identidade ou nas atitudes dos estudantes.

2. METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O texto assume a forma de relato de experiência pedagógica. O recorte reúne atividades realizadas nos primeiros e segundos semestres de 2025 e 2026, em turmas do segundo ano parcial do Ensino Médio, durante as aulas do componente curricular Linguagem e Cultura, em um Colégio Estadual da Rede Pública de Santo Estêvão, Bahia. Participaram quatro turmas em 2025 e três turmas em 2026.

As práticas incluíram círculos de leitura, pesquisa biográfica, seminários, debates, produção de cartazes temáticos e elaboração de maquetes. As obras mobilizadas foram Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus; Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro; Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo; e Torto Arado, de Itamar Vieira Junior. As atividades foram distribuídas ao longo das aulas, buscando articular leitura, oralidade, pesquisa e produção.

O acompanhamento pedagógico considerou dimensões como apropriação textual, identificação de conceitos centrais, relação entre leituras e realidade social, elaboração de perguntas, escuta dos colegas, clareza na exposição oral e uso de linguagem adequada à situação. Esses elementos são apresentados como critérios de observação. Não são tratados como medidas padronizadas nem como evidência automática de progresso, uma vez que qualquer afirmação de melhora exigiria registros comparáveis e análise sistemática.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

ISSN: 2358-8829

A discussão teórica fundamenta-se em três dimensões articuladas: os marcos legais que orientam a educação antirracista no contexto escolar; as relações entre literatura, currículo e formação leitora; e os desafios para a efetivação de práticas pedagógicas comprometidas com a educação das relações étnico-raciais. Essas dimensões contribuem para compreender as possibilidades e os limites do trabalho com a literatura na construção de práticas educativas antirracistas no Ensino Médio.

3.1 Educação antirracista e legislação educacional

A Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008 constituem referências legais para a inclusão da história e da cultura afro-brasileira, africana e indígena nos currículos escolares. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, instituídas pela Resolução CNE/CP nº 1/2004, também orientam o trabalho educacional nessa área (BRASIL, 2004). Esses marcos devem ser compreendidos como parte de um compromisso curricular continuado, que envolve conteúdos, práticas e formas de reconhecer a contribuição de diferentes grupos para a formação do país.

Uma abordagem antirracista não se limita à rejeição individual de atitudes preconceituosas. Ela exige que a escola examine criticamente representações, materiais e práticas que podem naturalizar desigualdades, além de ampliar o reconhecimento das experiências históricas e culturais de populações negras e indígenas. A literatura e a produção intelectual negra podem participar desse processo ao apresentar perspectivas que nem sempre ocupam posição central nos repertórios escolares.

3.2 Literatura, currículo e formação leitora

Sá (2021) discute a construção de um cânone escolar antirracista no Ensino Médio e chama atenção para a importância de considerar a literatura afro-brasileira no repertório de leitura. Essa perspectiva contribui para pensar a seleção das obras como uma decisão pedagógica: o que se lê na escola também comunica quais experiências, vozes e modos de narrar são considerados dignos de estudo.

As obras utilizadas nesta experiência apresentam possibilidades distintas de aproximação entre literatura e questões sociais. Quarto de Despejo, de Carolina Maria

ISSN: 2358-8829

de Jesus (2014), permite discutir pobreza, marginalização e as condições de vida na favela a partir de uma escrita marcada pela experiência da autora. Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro (2015), oferece reflexões sobre racismo e responsabilidade social. Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo (2016), abre caminhos para discutir narrativas de mulheres, memória e representação. Torto Arado, de Itamar Vieira Junior (2019), permite abordar desigualdades no meio rural, heranças da escravidão e conflitos relacionados à terra.

O trabalho com essas obras não precisa reduzir a literatura a uma ilustração de conceitos sociológicos. Ao contrário, a leitura pode preservar a singularidade de cada texto e, simultaneamente, favorecer perguntas sobre os contextos históricos e sociais que ele representa. Círculos de leitura, seminários e produções visuais oferecem diferentes formas de expressão e podem ajudar o professor a acompanhar como os estudantes se apropriam dos textos e elaboram suas interpretações.

3.3 Desafios de implementação

Souza e Pereira (2013) examinam embates e dificuldades associados à implementação da Lei nº 10.639/2003. Em estudo posterior, Silva, Almeida e Lima (2025) discutem avanços e desafios da educação antirracista no Brasil, destacando a complexidade do racismo e questões relativas à formação docente. Esses trabalhos reforçam que iniciativas pedagógicas devem ser situadas em um esforço contínuo de revisão curricular, planejamento e reflexão sobre a prática, em vez de serem apresentadas como ações isoladas capazes de resolver desigualdades estruturais.

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta e discute as experiências pedagógicas desenvolvidas a partir da leitura de obras de Carolina Maria de Jesus (2014), Djamila Ribeiro(2015), Conceição Evaristo (2016) e Itamar Vieira Junior (2019), no contexto do Ensino Médio. As atividades envolveram diferentes estratégias de mediação da leitura, como círculos de leitura, pesquisas biográficas, seminários, produções textuais e visuais, buscando estabelecer relações entre literatura, questões étnico-raciais e experiências sociais dos estudantes. A discussão contempla as especificidades do trabalho com cada obra e os

ISSN: 2358-8829

aspectos considerados no acompanhamento pedagógico, destacando suas contribuições e seus limites para a formação leitora e a educação antirracista.

4.1 Carolina Maria de Jesus: leitura e representação da favela

A atividade relacionada a Quarto de Despejo envolveu pesquisa biográfica sobre Carolina Maria de Jesus (2014), apresentação de seminários e elaboração de maquetes da favela do Canindé. As maquetes foram produzidas pelos estudantes com material reciclado, articulando a leitura da obra a uma produção material construída coletivamente.

A proposta permitiu abordar a relação entre narrativa, espaço urbano e desigualdade social. A representação da favela por meio das maquetes criou uma oportunidade para discutir o espaço descrito na obra e as condições materiais de vida retratadas pela autora. A atividade prática não substitui a leitura, mas pode funcionar como recurso de interpretação quando acompanhada de conversa sobre as escolhas feitas pelos estudantes e sobre o contexto social da narrativa.

Os registros fotográficos mostram a exposição das maquetes e um material de divulgação dedicado à obra. Eles documentam a realização da atividade, mas não permitem, isoladamente, concluir que houve mudanças específicas na compreensão dos estudantes sobre pobreza, racismo ou desigualdade. Tais interpretações devem se apoiar também em falas, produções escritas ou outros registros pedagógicos disponíveis.

4.2 Djamila Ribeiro: leitura, pesquisa biográfica e cartazes temáticos

O trabalho com Pequeno Manual Antirracista foi organizado em etapas: círculo de leitura, seminário, pesquisa biográfica sobre Djamila Ribeiro (2015) e produção final de cartazes temáticos. A sequência articulou leitura, investigação sobre a autora, exposição oral e comunicação visual.

A proposta buscou discutir o racismo como questão social que não pode ser compreendida apenas a partir de intenções individuais. Os cartazes reuniram mensagens e imagens relacionadas ao antirracismo, à representatividade, à resistência e à responsabilidade diante de situações de discriminação. A elaboração dos materiais

ofereceu uma oportunidade para retomar as discussões realizadas nas etapas anteriores e traduzi-las em uma produção destinada à circulação no espaço escolar.

A fotografia do painel documenta a exposição temática associada à obra. A imagem registra a presença de materiais visuais sobre racismo estrutural, estereótipos, representatividade e ação antirracista. A análise pedagógica deve considerar a produção como parte de uma sequência didática, e não como evidência suficiente de que todos os estudantes compreenderam ou incorporaram os conceitos discutidos.

4.3 Conceição Evaristo: narrativas, mulheres e memória

As atividades desenvolvidas com a obra Insubmissas lágrimas de mulheres (2016) envolveram círculos de leitura. A obra ofereceu possibilidades de discussão sobre experiências de mulheres, memória, identidade e representação literária. Nesse contexto, o círculo de leitura favoreceu na troca de interpretações e o contato com perspectivas que historicamente tiveram presença desigual nos repertórios escolares.

A partir de uma mediação oral e discussão sobre Insubmissas Lágrimas de Mulheres de Conceição Evaristo (2016), foram propostas nas aulas questões que conectaram a potência literária da obra com a realidade social dos estudantes. Nessa etapa, o livro foi uma excelente ferramenta de debate, empatia, cidadania, direitos humanos e desigualdades, com a vivência de corpos marcados pelo gênero, raça e classe social.

As discussões abordaram os eixos temáticos: o conceito de "Escrevivência" e o papel da escuta. A autora cria uma narradora que viaja para ouvir as histórias de outras mulheres e registrá-las; ressignificação do Choro (Lágrimas versus Insubmissão). O título do livro une duas palavras aparentemente opostas: lágrimas (que lembram sofrimento/passividade) e insubmissas (que lembra revolta/reação); relações familiares e violência doméstica. O Ensino Médio é o momento em que os jovens começam a construir seus próprios relacionamentos afetivos, tornando este debate urgente; interseccionalidade: gênero, raça e classe, para que os alunos compreendessem que as opressões se cruzam; protagonismo e o final das histórias. Diferente dos textos trágicos tradicionais, Conceição Evaristo (2016) escolhe caminhos de emancipação.

ISSN: 2358-8829

4.4 Itamar Vieira Junior: território, desigualdade e heranças históricas

Torto Arado integrou as leituras utilizadas para discutir relações sociais no meio rural, heranças da escravidão, desigualdades e conflitos em torno da terra. O romance permite aproximar a leitura literária de questões históricas e sociais presentes no contexto brasileiro, preservando a complexidade das personagens e da construção narrativa.

A inclusão da obra no percurso de formação leitora amplia o repertório para além de narrativas urbanas e permite abordar as relações entre território, trabalho, memória e pertencimento. Círculos de leituras foram organizados para além do espaço tradicional da sala de aula num ambiente convidativo à horizontalidade, escuta ativa e acolhimento, como a biblioteca escolar, pátios e jardins. Esses espaços ganharam ainda mais relevância integrados com elementos da natureza e da identidade local.

O livro ajudou a retratar o universo em que estudantes da zona rural vivem, como também, atuou como um espelho histórico, social e linguístico validando a identidade camponesa e estimulando o pensamento crítico. Ao ler Torto Arado, o estudante da zona rural deixa de ser um mero espectador da história alheia para se tornar sujeito da própria história. A obra humaniza suas vivências, transforma suas dores cotidianas em objeto de estudo e mostra que a literatura também pertence a eles e fala sobre eles.

A escolha de Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior (2019) foi objeto de produção textual, justificado pela necessidade de promover um letramento crítico/literário, validação e conscientização sobre as permanências coloniais no Brasil de hoje. Ao produzir redações, os estudantes foram instigados a escrever textos de opinião, com temas voltados para o trabalho análogo à escravidão, o direito à terra, vozes marginalizadas, alteridade, trabalhadores quilombolas do sertão. A escrita, então, funcionou como um amadurecimento da competência escritora e expansão do repertório sociocultural dos discentes.

4.4 Acompanhamento pedagógico: leitura, diálogo e comunicação

ISSN: 2358-8829

Entre os aspectos considerados no acompanhamento das atividades estiveram a apropriação textual, a capacidade de relacionar conceitos à realidade social, a qualidade das perguntas formuladas em seminários: qual o papel da escuta, e desta com os colegas, a síntese e a clareza da exposição oral. Esses critérios apontam para uma concepção de formação leitora que não se restringe à decodificação, mas envolve interpretação, argumentação e participação em práticas coletivas de construção de sentidos.

A escolha dos autores e das obras envolvidas conectou a teoria literária às práticas de vidas, mobilizou vivências na formação dos estudantes, despertou a consciência social, o letramento literário, crítico e racial e a conscientização social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato dessa vivência pedagógica evidencia que a formação leitora, quando mediada por uma literatura afro-diaspórica e quilombola, atua como combustível do letramento racial crítico, capacitando os sujeitos a questionarem as estruturas coloniais que perpetuam o racismo e a desigualdade.

Apresentou práticas de formação leitora e educação antirracista realizadas em turmas do segundo ano parcial do Ensino Médio, nas aulas de Linguagem e Cultura, em um Colégio Estadual da Rede Pública de Santo Estêvão, Bahia. Desenvolvidas ao longo dos primeiros e segundos semestres de 2025 e 2026, as atividades envolveram sete turmas e articularam leitura, produções de textos, pesquisa biográfica, seminários, círculos de leitura, cartazes temáticos e maquetes produzidas com material reciclado.

A experiência evidencia possibilidades de integrar a literatura negra ao cotidiano escolar e de relacionar a leitura a discussões sobre racismo, identidade, memória, desigualdade e representação. A diversidade de procedimentos permitiu trabalhar com diferentes formas de expressão, da leitura e exposição oral à elaboração de materiais visuais e escritos. A experiência também se relaciona às responsabilidades estabelecidas pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.

Os estudantes mobilizaram suas próprias bagagens identitárias e familiares nas escrevivências de seus textos, o que estimulou uma escrita atravessada pela cor, pelo gênero, pela classe, pela ancestralidade e pela importância de instrumentalizar uma

visão interseccional por meio de discussões que apresentem o racismo estrutural indissociável às opressões étnico-raciais e socioeconômicas.

Assim, a sistematização desse relato de experiência corrobora a urgência de uma práxis pedagógica efetivamente comprometida com a educação antirracista e com as diretrizes das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, indispensáveis para descentralizar e promoverem a justiça curricular, comprometida com a formação leitora e com a construção de um ambiente escolar atento às desigualdades étnico-raciais e descolonizadora historicamente excludente e eurocêntrico.

Desse modo, esse deslocamento pedagógico implica que a literatura afro-diaspórica legitima os corpos e territórios africanos na perspectiva antirracista e entende-se que as reflexões suscitadas sirvam de subsídios metodológicos para ampliar a formação leitora, reafirmando a escola como espaço provedor na construção de uma sociedade mais equânime e plural.

Palavras-chave: Educação antirracista; Formação leitora; Literatura negra; Ensino Médio; Lei nº 10.639/2003.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 02 de out. 2026.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 27 out. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: CNE, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres.** Rio de Janeiro: Malê, 2016.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014. 200p

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 136 p.

SÁ, Ana Paula dos Santos de. **Por um cânone escolar antirracista no ensino médio:** um olhar aos livros didáticos de Português. Revista Brasileira de Educação, v. 26, 2021.

SILVA, Ana Tereza Reis da; ALMEIDA, Bárbara Ribeiro Dourado Pias de; LIMA, Lurian José Reis da Silva. **Avanços e desafios na implementação da educação antirracista no Brasil.** Educação em Revista, v. 41, 2025.

SOUZA, Florentina da Silva; PEREIRA, Leticia Maria da Souza. Implementação da Lei 10.639/2003: mapeando embates e percalços. Educar em Revista, n. 47, p. 51-65, jan./mar. 2013.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado.** São Paulo: Todavia, 2019. 262 p.